

# **O tom do discurso das ONG nas notícias – Contributos para uma análise do discurso não governamental nos media portugueses**

Sónia Lamy

sonialamy@gmail.com

*Instituto Politécnico de Portalegre / Cic.Digital*

## **Resumo**

A par dos conceitos sobre o modo como a produção jornalística interfere na realidade reproduzida pelos media, observando de forma atenta como as fontes de informação influenciam esta mesma perceção da realidade, parece-nos fundamental refletir sobre como as Organizações Não-Governamentais estão presentes nas notícias enquanto fontes de informação. As fontes menos poderosas, provenientes da sociedade civil organizada, são contactadas em diversos momentos, e podem promover uma voz mais plural no espaço de debate. O tipo de discurso e tom identificado no contexto das notícias ajuda-nos a compreender o modo como as ONG estão representadas pelos media. Para compreender as tendências assumidas pelas ONG nas notícias em que são fontes de informação, analisámos um período de quatro semanas por ano, durante três anos entre 2009 e 2011, em quatro meios de comunicação nacionais – agência Lusa, Público, RTP e TSF, partindo de algumas variáveis presentes no discurso jornalístico.

**Palavras-chave:**

## **Introdução**

As notícias são fruto de diversas interações entre fontes de informação e jornalistas. E estas articulam ligações sociais sendo simultaneamente veiculadoras de uma mensagem e informações sobre factos ou acontecimentos. Como refere Tiffen (2014) numa revisão de literatura sobre as dinâmicas das fontes de informação, as notícias medeiam por um lado o ambiente sócio-político mais amplo com o público, e por outro o seu conteúdo foi mediado e está dependente de outras instituições que disponibilizam informação. Autores como Fishman (1980) Sigal (1986), Gans (1979) ou Cottle (2000) se referem às fontes de informação como elementos essenciais na composição das notícias, e na forma como é veiculada a informação, alias as fontes podem determinar a forma como é avançada a informação, sendo que estão sobretudo concentradas nos poderes institucionais e governamentais.

Podemos mesmo recordar Habermas (1974) concordando que os meios de comunicação social têm um papel fundamental na conceção da esfera pública e no modo como esta representa os atores deste espaço.

Estudos prévios (Cottle 2000; Gans 1979, 2011; Hall et al. [1978] 1999; Sigal [1973] 1999) têm sublinhado este facto, de que o acesso à notícia é fortemente determinada pela distribuição

de poder e recursos. Fontes de informação como políticos, instituições governamentais, com recursos e estratégias de comunicação estabelecidos têm vindo a aceder de forma mais imediata e ágil ao espaço de informação, nomeadamente quando comparamos com outras fontes de informação não institucionais como cidadãos e organizações não governamentais.

Se por um lado verificamos máquinas de comunicação cada vez mais bem construídas e preparadas, habitualmente coladas a grandes empresas e instituições de fortes recursos, há também estudos que têm vindo a confirmar a expansão da sociedade civil em determinados problemas como questões ambientais (Greenberg, et al. 2011).

Neste contexto, propomo-nos neste artigo a explorar a forma como as fontes de informação não governamentais aparecem na cena portuguesa. Consideramos que é um facto que as ONG estão presentes no espaço público mediático, e por isso analisamos as peças nas quais se verifica um contacto com estas entidades no processo de produção das notícias.

A partir da análise de notícias, pretendemos interpretar o tom das ONG quando são fontes de informação, já que na maior parte dos casos as fontes não-governamentais são contactadas pelo jornalista para exporem iniciativas, mas nem sempre o contacto entre a fonte de informação se trata de um contacto direto. Este é muitas vezes um contacto mediado por comunicados, estudos ou outras estratégias de comunicação tomadas por este sector da sociedade civil.

## **As ONG como fontes de informação no espaço público**

AS ONG podem ser vistas como uma parte da sociedade civil organizada. Jeff Atkinson e Martin Scurrah (2009), numa obra sobre o papel das organizações na mudança social à escala global, distinguem três tipos de estruturas sociais cuja génese é semelhante. Por um lado, os autores destacam as “organizações da sociedade civil” que têm por base a reunião de cidadãos comuns, em prol de um interesse ou preocupação comum e sobre o qual se sentem particularmente sensibilizados. As características independentes e que excluem organizações governamentais e económicas aproximam estas entidades das que conhecemos por determinadas como ONG. Estas últimas, já formalmente organizadas e constituídas, são habitualmente privadas, autogovernadas, não têm fins lucrativos e a sua agenda está particularmente dirigida para as questões de justiça social – pobreza, promoção dos direitos humanos e proteção ambiental.

Os media servem frequentemente este fim – chegar ao público. As organizações precisam dos media para serem conhecidas, e recorrem-lhe para chegar às preocupações do público mas também para educarem as pessoas sobre os temas que defendem. Por outro lado, as ONG necessitam da participação dos media para se distinguirem e apresentarem a sua área de atuação (Esparcia, 2008). O autor refere precisamente a “noticiabilidade” de alguns temas em função de outros, por respeitarem alguns valores notícias.

Mas estes meios de comunicação de massa, antes fechados ou de difícil acesso ao grande público, têm vindo a sofrer fortes alterações. Hoje as capacidades dos meios alteram-se e os seus efeitos também. É difícil fugir aos media alternativos, como refere Dagron (2009) identificando os novos métodos e tecnologias mais acessíveis. “Indivíduos, grupos, comunidades, organizações da sociedade civil e movimentos sociais estão disponíveis localmente, e possuem e controlam os novos media e a comunicação” (Dagron, 2009: 445).

As notícias, a atualidade e o agendamento dos acontecimentos determinam a hierarquia da relevância pública dos acontecimentos. Os valores notícia, mas também as rotinas dos jornalistas, determinam a presença das fontes de informação. Apesar de os jornalistas privilegiarem um contacto mais regular com as fontes de informação oficiais (Sigal, 1973, Manning, 1998, Deacon, 1999) e darem preferência clara a fontes burocráticas, governamentais e corporativas, as ONG têm vindo a fundamentar uma maior presença mediática. De facto, “o processo cria uma hierarquia de fontes estabelecidas, o Governo e a maior parte dos partidos políticos garantem a atenção dos media, seguidos das organizações políticas e de grandes uniões.” (Jong, 2005:112).

No sentido de contribuir para a reflexão propomos partir de uma análise das notícias da Agência Lusa, do jornal Público, da RTP e da TSF de modo a compreender o discurso articulado pelas ONG quando estas se posicionam enquanto fontes de informação.

## Metodologia

Este estudo faz parte de uma investigação mais extensa que se debruça sobre a observação destas fontes de informação, não governamentais, no contexto da atualidade. Esta apresentação debruça-se sobre as notícias publicadas nos media, onde existam referências a ONG citadas enquanto fontes primárias ou secundárias na notícia em causa. Para um levantamento completo pareceu-nos relevante a escolha de um leque variado de meios de informação, daí que a pesquisa se centre sobre a imprensa escrita (“Público”), blocos de informação televisiva (RTP), radiofónica (TSF) e agência de notícias (Lusa), no decorrer de três anos, entre 2009 e 2011. Só então se torna possível interpretar os dados à luz da informação recolhida e então apontar algumas conclusões sobre o tom e tipo de discurso usado pelas ONG quando aparecem como fontes de informação. Para isso optámos por fazer uma recolha de notícias em 4 semanas por ano, durante estes três anos, em Março, Junho, Setembro, e Dezembro. A escolha dos meses foi feita com base numa tentativa de identificar momentos que espelhassem a realidade observada durante o ano, sem influenciar os dados recolhidos. Com esta análise pretendemos aprofundar o tipo de discurso jornalístico reproduzido no contexto dos media nacionais, tentando assim contribuir para a discussão sobre a participação das fontes de informação menos poderosas no espaço público.

## O discurso das fontes não governamentais

Nem sempre as ONG são uma fonte frequentemente contactada no contexto da atualidade noticiosa. Contudo, a partir dos dados que recolhemos compreendemos que na maior parte dos casos em que é feito este contacto, verifica-se mais frequentemente a presença do discurso direto nas peças.

As fontes de informação são importantes pois supõem outro ponto de vista e trazem dados complementares e concedem veracidade aos factos descritos (Fontcuberta, 2007). E quando se usam citações, estas permitem receber a informação na primeira pessoa, reproduzindo exatamente os termos em que o sujeito informativo se expressou. Reforçando o contacto do “Público”

com os protagonistas da informação, o discurso direto confere mais credibilidade à notícia. (Fontcuberta, 2007).

Na maior parte dos casos, encontramos de facto a presença do discurso direto da ONG na notícia. Para a análise desta variável decidimos considerar o discurso presente na peça como discurso direto ou indireto, de acordo com a sua predominância na notícia.

Em 66 por cento dos casos o jornalista escreve de forma literal o discurso da instituição, entre aspas como discurso direto. Ou seja, recorre ao discurso direto para transmitir a perspetiva da fonte não-governamental. Como se pode verificar, em 149 casos, ou seja, em 32 por cento, o jornalista apenas transcreve o discurso da ONG. Como podemos ainda verificar na tabela 1, em dez casos não há qualquer referência direta à fonte de informação. Isto acontece sobretudo em pequenas informações veiculadas em peças de curta extensão.

Tabela 1. Tipo de discurso na peça analisada

Discurso predominante	
Discurso direto	303
Discurso indireto	149
Sem referência direta	10
Total	462

A presença do discurso direto ou indireto das ONG nas notícias é feito assumindo muitas vezes uma posição, tomando um partido ou simplesmente apresentando factos ou acontecimentos. Tentámos categorizar esse mesmo tom, identificado nas notícias, através de elementos identificados nos textos analisados.

Neste contexto, consideramos importante interpretar o tom que é usado pela ONG quando é abordada na notícia, enquanto fonte de informação. Assim, em alguns casos este é muito claro, visto que a fonte assume à partida, no seu próprio discurso, o tom que é mote para a forma como a fonte se posiciona na peça. Noutros casos tivemos de avaliar de modo mais preciso o discurso da fonte de informação na própria notícia para compreender isto mesmo.

Na maior parte dos casos as fontes não-governamentais são contactadas pelo jornalista para exporem iniciativas. No total, isto acontece em 27 por cento dos casos (123). Em 106 situações, 23 por cento, a fonte contactada limita-se a fazer uma exposição de um facto, enquadrada na notícia. Esta última é uma situação muito comum no contexto de peças em que a fonte é contactada pelo jornalista para acrescentar informação sobre um tema específico da notícia.

Os tons de denúncia e de protesto são também significativos neste contexto. A denúncia aparece em 91 peças em que as organizações são fontes de informação, isto é 20 por cento das notícias. As peças em que as fontes não-governamentais são contactadas pelos jornalistas e em que o tom que surge como mais evidente é a apresentação do contraditório também são significativas. Verificamos 55 notícias em que surge esta situação.

Em apenas nove por cento das peças (40), o tom da ONG sugere mais uma busca de soluções face a uma problemática noticiada na peça jornalística. O tom de protesto é veiculado em 29 casos (seis por cento) de contactos e a reposta a polémicas surge em 2,6 por cento dos contactos com as ONG.

Na maior parte dos casos, as ONG são contactadas num contexto em que expõem uma iniciativa e falam em discurso direto na peça, como podemos verificar na tabela 12. Em cerca de 75 por cento dos casos em que a ONG é contactada no contexto acima referido o jornalista fala diretamente com a fonte.

Tabela 2. Tipo de discurso e tom da ONG na peça

	Exp. de factos	Denúncia	Busca de soluções	Exposição iniciativa	Apresentação de contraditório	Protesto	Polémica	Não se aplica	Total
Discurso direto	80	46	24	92	40	14	5	2	303
Discurso indireto	25	45	14	26	15	14	6	4	149
Sem referência direta	1	0	2	5	0	1	1	0	10
Total	105	91	40	123	55	29	12	6	462

Aliás, quando o objetivo ou tom da fonte é o de exposição de iniciativa, o discurso direto é o que aparece mais. Quando a ONG apresenta um ponto de vista contraditório também o faz sobretudo veiculando o seu discurso de modo direto. Este tipo de discurso aparece no total em 72 por cento dos casos. Já em 73 por cento dos casos em que há uma exposição de factos, o jornalista recorre também à fonte de modo direto. Curiosamente, nos casos em que a fonte assume um tom de denúncia, protesto e polémicas, os contactos diretos são menos frequentes. Há um recurso a ambos os contactos de forma muito equilibrada. Nos três casos, o jornalista refere a fonte direta e indireta em cerca de 50 por cento dos casos. Mas as fontes não-governamentais falam de forma direta, quando o jornalista pretende expor o contraditório, no contexto de uma notícia. Isto acontece em 39 de 55 casos.

O tom que se aproxima a um contexto de polémica é um dos que menos está presente nas notícias. De uma forma geral podemos concluir que as ONG não investem propriamente numa “voz direta”, cujo tom identificado é de polémica ou de protesto, mas muito mais de denúncia de casos. Este é o terceiro tipo de tom de discurso direto e indireto que mais verificamos no contexto da atualidade. No corpus recolhido identificamos o tom de polémica em apenas 12 casos e o de protesto em 29. Ou seja, são tons menos presentes nas notícias cuja fonte é uma instituição não-governamental.

## Os temas e o tom utilizado pelas fontes

As ONG que são contactadas no sentido de exporem questões e factos são-no, sobretudo, no contexto de peças sobre assistência humanitária ou ambiente. As ONG de direitos humanos por seu lado, estão mais presentes nas notícias através do discurso indireto. Cerca de 60 por cento das vezes em que estas instituições aparecem nas notícias apenas falam em discurso indireto.

Tabela 3. Caracterização da ONG e tipo de discurso assumido

	Discurso direto	Discurso indireto	Sem referência direta à fonte	Total
Assistência Humanitária	56	14	0	70
Igualdade de Género	16	1	1	18
Direitos Sexuais	14	1	0	15
Discriminação Racial	8	3	0	15
Ambiente	72	39	2	113
Saúde	40	5	4	49
Cidadania	21	6	1	28
Direitos dos animais	9	4	0	13
Diplomacia Internacional Paz	5	4	1	10
Outros	5	6	1	12
Direitos Humanos	42	61	0	103
Ensino, cultura	5	3	0	8
Cooperação e desenvolvimento	8	1	0	9
Direitos da criança	2	1	0	3
Total	303	149	10	462

As ONG que mais aparecem nas notícias e falam em discurso direto são as organizações ambientais e de assistência humanitária. Cerca de 24 por cento das peças onde se verifica a presença do discurso direto este é veiculado por ONG de ambiente. E 19 por cento são instituições ligadas à assistência humanitária.

Se observarmos os gráficos 13 e 14 podemos identificar de uma forma geral a distribuição destes dois tipos de discurso nas notícias que analisámos. As ONG de assistência humanitária, ambiente, direitos humanos e saúde são as mais interventivas nos *media*, considerando que falam mais vezes em discurso direto. As ONG da área da igualdade de género e da defesa dos direitos sexuais também aparecem mais nos *media* com uma voz direta. Estas falam em discurso direto em 16 e 14 casos respetivamente. E as ONG de discriminação racial, direitos dos animais, diplomacia, ensino e cultura e cooperação e desenvolvimento aparecem todas nas notícias analisadas contactadas e transcritas em discurso direto, menos de dez vezes. Já a área dos direitos humanos está mais representada com um discurso indireto.

A maior parte das ONG que assumem um tom de exposição de factos ou exposição de iniciativa são fontes não-governamentais da área da assistência humanitária, ambiente e saúde. Mas parece-nos determinante salientar o forte peso que assume o tom de denúncia na área dos direitos humanos.

Tabela 4. Caracterização da ONG e tom que assume

	Exp. de factos	Denúncia	Busca de soluções	Exposição iniciativa	Apres. de contraditório	Protesto	Polémica	Não se aplica	Total
Assistência Humanitária	23	2	10	28	1	2	1	3	70
Igualdade de Género	6	5	1	5	0	0	0	1	18
Direitos Sexuais	2	1	0	5	6	0	1	0	15
Discriminação Racial	4	2	0	4	1	0	0	0	11
Ambiente	23	18	9	21	20	18	4	0	113
Saúde	17	5	5	17	4	1	0	0	49
Cidadania	2	4	0	11	9	2	0	0	28
Direitos dos animais	2	1	4	3	2	0	1	0	13
Diplomacia Internacional Paz	4	2	2	0	2	0	0	0	10
Outros	1	1	3	3	1	0	3	0	12
Direitos Humanos	16	49	5	15	8	6	2	2	103
Ensino, cultura	2	1	1	3	1	0	0	0	8
Cooperação e desenvolvimento	2	0	0	7	0	0	0	0	9
Direitos da criança	2	0	0	1	0	0	0	0	3
Total	106	21	40	123	55	29	12	6	462

Cerca de 54 por cento dos casos de denúncia têm como origem uma ONG da área dos direitos humanos. E apenas 18, ou seja 20 por cento, são da área do ambiente. Aliás, a área ambiental é a que mais plural no tom que assume. Verificamos uma diversidade muito grande nos tons assumidos pelas ONG desta área. Em 23 casos expõe factos, em 18 casos verifica-se um tom de denúncia, em 21 casos há uma exposição de uma iniciativa e em 20 casos observamos que a ONG é contactada no sentido de fazer a apresentação do contraditório. Em 18 situações há mesmo um tom de protesto nas declarações proferidas. Aliás, as ONG da área ambiental são as que mais frequentemente assumem este tom.

## Conclusões

Como já referimos anteriormente, as notícias relacionadas com questões de direitos humanos e ambiente são das que mais sugerem um contacto com as ONG. É o tom de denúncia que aparece mais frequentemente colado ao discurso produzido pelas fontes de informação não governamentais da área dos direitos humanos. Se por um lado estas ONG são fonte de informação relativamente frequente, por outro, em 49 por cento dos casos, em que a fonte assume um teor de denúncia, as fontes nas notícias são provenientes de uma ONG da área dos direitos humanos. E apenas 18 por cento são da área do ambiente. Curiosamente, a área ambiental é, aliás, a mais plural no tom que assume. Verificamos uma grande diversidade nos tons assumidos pelas ONG desta área, o que vai de encontro do que consideramos ser a caracterização destas instituições enquanto fontes de informação frequentes – são fontes procuradas em diversos contextos, sobretudo para a exposição de iniciativas ou esclarecimento de assuntos específicos.

Outro dado que nos parece curioso, e que espelha a ação das fontes de informação aqui em análise, é que a maior parte das ONG que assumem um tom de denúncia estão a atuar num contexto internacional e não nacional. Parece haver uma tendência de as ONG adotarem uma ação menos interventiva e mais consensual. Fica presente esta ideia de consensualidade, de não conflito. Nomeadamente quando se trata de assuntos tratados por ONG nacionais. Talvez por isso, como podemos verificar em 65 casos, 66 por cento das situações em que as ONG assumem um tom de simples na exposição de factos estão a atuar num contexto nacional. E em apenas 30, ou seja, em cerca de 30 por cento dos casos de contactos foi assumido um tom de denúncia por ONG que estão em atuação no território nacional.

## Bibliografia

- Almansa, A. & Esparcia, M. A. C. (2008). The communication in non-governmental organizations. *Estableciendo puentes en una economía global. Congreso Nacional*. doi: ISBN 978-84-7356-556-1.
- Aeron, D. (2003). Public relations and news sources. In S. Cottle (ed.), *News, public relations and power*. London: Sage.
- Cottle, S. (ed.) (2003). *News, public relations and power: media in focus series*. Sage Publications Ltd.
- Deacon, D. (2003). Non-governmental organisations and the media. In S. Cottle (ed.), *News, public relations and power*. Sage.
- Curran, J. & Aalberg, T. (eds.) (2012). *How media inform democracy: a comparative approach*. New York: Routledge.
- Fishman, M. (1980). *Manufacturing the news*. Austin: University of Texas Press.
- Franklin, B. & Carlson, M. (eds.) (2011). *Journalists, sources and credibility: new perspectives*. London: Routledge.
- Jong, W. (2005). *Global activism, global media*. Londres: Pluto Press.



- Lamy, S. (2015). *As fontes não governamentais nos media. As ONG'S enquanto fonte de informação*. Internet. Disponível em: <http://run.unl.pt/handle/10362/14776>.
- Phillips, A. (2010). Old sources, new bottles. In N. Fenton (ed.), *New media, old news* (pp. 87-101). London: Sage.
- Schudson, M. (1995). *The power of news*. Cambridge, MA: Harvard University Press. Schudson, Michael.
- Schudson, M. (2011). *The sociology of news*. New York 2nd ed.
- Norton, W.W. & Sigal, L. V. (1986). Sources make the news. In R. K. Manoff & M. Schudson (eds.), *Reading the news* (pp. 9-37). New York: Pantheon.
- Tiffen, R. (1989). *News and power*. Sydney: Allen and Unwin.